

A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO COMO OBJETO DE ENSINO: PROPOSTA DE ATIVIDADE A PARTIR DE UM CONTO BRASILEIRO DE FICÇÃO CIENTÍFICA

LAURA DOURADO LOULA RÉGIS*
DAVI FERREIRA ALVES DA NÓBREGA**

RESUMO

A partir de uma compreensão de língua como interação e de gênero textual como instrumento de ensino, o presente trabalho tem como objetivo descrever uma proposta de atividade de leitura e análise linguística a partir de um exemplar do gênero conto e seus recursos estilísticos. Para tanto, recuperamos as contribuições teóricas de Possenti (1996), Cunha e Cintra (2008), Neves (2011), Perini (2010), Bagno (2011), Givón (1979; 1984) e Martellotta (1996; 2011). A proposta descrita possibilita ampliar o conhecimento do gênero, as competências e habilidades de leitura e análise linguística, bem como (re) conhecer as funções textuais da indeterminação do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, proposta de atividade, conto, recursos estilísticos, indeterminação do sujeito.

INTRODUÇÃO

Ao planejar e executar ações de ensino-aprendizagem em língua portuguesa, constitui-se um desafio constante a promoção de uma aula teoricamente consistente e, ao mesmo tempo, metodologicamente motivadora, reflexiva e significativa em termos de aprendizagem. A apropriação das teorias linguísticas e da(s) descrição(ões) de língua não

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Professora auxiliar da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: douradoloula@gmail.com.

** Graduando em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: daveletras98@gmail.com.

necessariamente garante uma didatização dos recursos gramaticais que se distancie da obsessiva metalinguagem do ensino tradicional.

É diante da escassez de propostas inovadoras no ensino de gramática que se revela imperativo pensar em metodologias alternativas ao ensino tradicional da gramática, insubstituível nos currículos escolares, mas já evidentemente questionável em razão da mistura de critérios (sintático, semântico) na descrição dos seus objetos; da análise gramatical limitada ao nível frasal (ou, no máximo, do período composto); de seus categóricos conceitos de regra, erro, acerto etc., bem como pela sua fixação terminológica. Soma-se a isso a sobreposição histórica dos estudos voltados para a palavra, refletida mimeticamente nos compêndios gramaticais, livros didáticos e, conseqüentemente, nas salas de aula, em detrimento do quase inexistente espaço dedicado à sintaxe.

Com o intuito de atenuar tais desalinhamentos, a partir de uma concepção sociointeracionista de língua, materializada nos diversos gêneros textuais por sujeitos múltiplos em contextos sociais e ideológicos, e da perspectiva bakhtiniana de gênero, constituído a partir da tríade “tema-composição-estilo”, propomo-nos a abordar os recursos estilísticos a partir de um exemplar do gênero conto, tendo em vista, inclusive, o fato de o estilo ser o recurso menos explorado da tríade. O objetivo deste trabalho reside, pois, em descrever uma proposta de atividade de leitura e análise linguística, de nossa autoria, a partir do gênero conto, com foco nos recursos estilísticos utilizados, em especial, o recurso sintático da “indeterminação do sujeito”.

Faz-se oportuno esclarecer que, embora conscientes das falhas e dos equívocos identificados na gramática tradicional, valemo-nos de sua descrição da norma-padrão de língua (e, conseqüentemente, de sua terminologia) por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, concordamos com a visão de autores como Possenti (1996) de que um dos objetivos prioritários do ensino de língua portuguesa é criar situações e oportunidades para que a norma-padrão seja aprendida. Contudo, é imperativo que pensemos o ensino da gramática, da leitura e da escrita da norma-padrão buscando aliar a metalinguagem à epilinguagem, isto é, refletir ativa e intuitivamente sobre a língua(gem) como fenômeno argumentativo, dinâmico e engajado às problemáticas humanas que refletem (in)diretamente na estrutura de suas linguagens. Em segundo

lugar, apesar de já se registrar outros modelos de descrição de língua, como demonstram as várias vertentes dos estudos funcionalistas, optamos por uma descrição de língua familiar ao professor em exercício e ao profissional em formação, pela simples razão de garantir a executabilidade de nossa proposta de atividade.

O caráter de inovação da proposta não se justifica, pois, pela propositura de uma nova descrição de língua, com novas categorias de análise, classificações e novo aparato terminológico, mas sim pela metodologia de abordagem dos recursos gramaticais, pelo tratamento dos objetos de ensino, com o intuito de promover a epilinguagem.

Para tanto, nosso trabalho encontra-se organizado em duas seções, além desta Introdução: na seção 2, realizamos uma revisão teórica acerca do processo de indeterminação do sujeito nas gramáticas (CUNHA; CINTRA, 2008; NEVES, 2011; PERINI, 2010; BAGNO, 2011) e mobilizamos teoricamente as contribuições da perspectiva funcionalista da linguagem (GIVÓN, 1979; 1984; MARTELOTTA, 1996; 2011) acerca desse processo de indeterminação; na seção 3, descrevemos a proposta de atividade propriamente dita e, por fim, apresentamos as considerações finais.

A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO: DA PERSPECTIVA TRADICIONAL À ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Se a própria concepção de sujeito, designado como termo essencial da oração, muitas vezes revela-se opaca para nossos aprendizes, a ideia de sua ocultação, indeterminação ou ausência constitui, por si só, uma complicação para a compreensão da sintaxe da língua portuguesa. Dentro da perspectiva da gramática tradicional, encontram-se divergências teóricas entre autores que buscaram definir tais processos sintáticos. A análise dos compêndios gramaticais que se vinculam à perspectiva tradicional revela uma problemática mistura de critérios em suas definições de sujeito indeterminado (ou indeterminação do sujeito), recorrendo, quando o aspecto formal não se apresenta como suficiente, aos aspectos semânticos e, em menor proporção, aos aspectos pragmáticos.

Cunha e Cintra (2008, p. 142) definem a presença do sujeito indeterminado quando o “verbo não se refere a uma pessoa determinada,

ou por desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento”. Citam, então, as duas formas clássicas de indeterminação do sujeito, segundo a gramática tradicional: quando há o uso do verbo da oração na terceira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular com o pronome “se”.

Já Neves (2011), Perini (2010), Bagno (2011) e Azeredo (2008) buscam analisar os processos e as estruturas textuais a partir de seus contextos, situações e funções. À medida que se distanciam de uma visão sistêmica da língua, os estudiosos visam contemplar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos no tratamento dos recursos gramaticais. No caso do sujeito indeterminado, convém para a análise funcionalista verificar como ocorre a indeterminação a partir desses três aspectos. Desse modo, acrescentam às formas clássicas de indeterminação do sujeito: a) formas pronominais e termos de referência genérica (“você”, “a gente”, “a criança” etc.); b) o emprego do verbo no infinitivo ocupando o lugar sintático de sujeito (“*Nadar é bom para a saúde.*”); c) o emprego do verbo na terceira pessoa do singular, sem estar acompanhado do índice de indeterminação “se” (“*Lá tira título de eleitor, documento.*”). É válido destacar que, na abordagem tradicional, essa última ocorrência corresponderia ao sujeito oculto, uma vez que o verbo em destaque concorda com a terceira pessoa do singular.

A justificativa para tal classificação da gramática tradicional é respaldada pela sobreposição e pela soberania do aspecto formal sobre os aspectos semânticos e pragmáticos. Na perspectiva funcionalista, no entanto, há a interseção da tríade (sintático, semântico e pragmático) no tratamento do recurso sintático: “a indeterminação é um traço semântico que recorre a elementos morfossintáticos para obter efeitos pragmáticos de não explicitação do agente” (BAGNO, 2011, p. 749).

É evidente ao gramático um aprofundamento da visão gramatical centrada na função, vendo a indeterminação como ação no discurso, o que o aproxima da proposta funcionalista da linguagem, cuja proposta fundamenta-se na análise dos fenômenos linguísticos em sua totalidade, dentro de um contexto de uso, a partir um quadro pragmático em que a semântica e a sintaxe vão sendo estudadas e analisadas em termos de categorização. É o que passamos a discutir mais profundamente no tópico a seguir.

A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM

Fundamentada em uma concepção de linguagem como um instrumento de interação social, o funcionalismo defende que os usos linguísticos seguem motivações cognitivas e comunicativas, estruturando-se numa correlação natural icônica entre forma e função. Daí o princípio da iconicidade, tão caro à proposta funcionalista, subdividido por Givón (1984) em três subprincípios básicos: *quantidade*, *proximidade* e *ordenação linear*, correspondentes à quantidade de informação, ao grau de integração dos constituintes e à ordenação linear, respectivamente. Sucintamente, pode-se dizer que, segundo o subprincípio da quantidade, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Já o subprincípio da proximidade pressupõe uma integração e/ou proximidade semântica e sintática entre os constituintes, dependendo da intenção comunicativa dos falantes. Por fim, o subprincípio da ordenação linear sugere que o falante coloca à frente de sua enunciação aquilo que tem maior relevância/importância em sua intenção comunicativa, geralmente aquilo que constitui o tópico para o qual se pretende chamar a atenção.

Para Givón, há motivações associadas aos níveis pragmáticos, sintáticos e semânticos para os fatos da língua e, se a sua forma é modelada em atendimento a necessidades comunicativas, a sintaxe, como nível estrutural, desenvolve-se, diacronicamente, por meio de conversões de estruturas discursivas e pragmáticas em estruturas sintáticas, a ponto de o estudo das sentenças isoladas, desarticuladas do seu “contexto natural”, tornar-se injustificável:

Em torno da última década, tornou-se óbvio para um crescente número de linguistas que o estudo da sintaxe de sentenças isoladas, sem o seu contexto natural, extraídas das construções intencionais de falantes é uma metodologia que já ultrapassou sua utilidade. Primeiro, as sentenças isoladas e sua sintaxe estão em frequente desacordo com a sintaxe encontrada na fala natural, não eliciada artificialmente, de tal forma que sérias dúvidas podem ser levantadas quanto à sua legitimidade e efetiva realidade, exceto como artefatos

curiosos de um método particular de eliciação. Além disso, o estudo da sintaxe, quando limitado ao nível sentencial e privado de seu contexto comunicativo-funcional, tende a ignorar ou até mesmo a obscurecer o papel enorme que considerações comunicativas que afetam a estrutura do discurso desempenham na determinação das chamadas regras sintáticas. (GIVÓN, 1979, p. 13).

Nesse sentido, a gramática passa a ser concebida como um fenômeno sociocultural, uma vez que emerge do discurso, e sua estrutura sintática é motivada, continuamente, pelos usos criativos da linguagem. Em outras palavras, “cada evento de uso tem um aspecto individual e único, sugerindo que não se pode decidir sobre como utilizar as estruturas que o sistema fornece sem adaptá-las a esse contexto singular” (MARTELOTTA, 2011, p. 62). Dessa maneira, as regras gramaticais não são absolutas, mas contextualmente dependentes, porque refletem a atuação de um organismo biológico em um ambiente cultural.

Neste trabalho, por exemplo, consideramos que o processo de indeterminação do sujeito não se justifica pela obviedade do “desconhecimento da identidade do ser que fala”, mas por se constituir em artefato estilístico decisivo em função de um propósito comunicativo definido: o de construir o suspense em uma narrativa de ficção. A indeterminação do sujeito, nesse caso, teria motivação discursiva e não cognitiva, para usar a categorização de Azeredo (2008):

Orações de sujeito indeterminado são empregadas por motivos cognitivos ou discursivos variados, e a língua oferece a seus usuários diferentes meios para indeterminar, dissimular ou mesmo ocultar a identidade do ser humano a quem o sujeito da oração se refere. A razão cognitiva óbvia é o desconhecimento da identidade do ser de que se fala. As razões discursivas, por sua vez, são variadas: a conveniência ou oportunidade da omissão da identidade do sujeito é uma delas, o registro de linguagem empregado ou o gênero de texto produzido é outra. (AZEVEDO, 2008, p. 225-6).

De modo mais específico, a motivação discursiva da indeterminação do sujeito está vinculada ao gênero de texto “conto de ficção” e ao processo laboral de constituição do enredo em uma narrativa de suspense. Passamos, a seguir, à descrição da proposta de atividade, elaborada a partir dessa narrativa e de seus recursos estilísticos.

DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE ATIVIDADE

A proposta de atividade¹ descrita nesta seção centra-se na articulação entre leitura (eixo uso) e análise linguística (eixo reflexão), com o propósito de promover o estudo de um exemplar do gênero conto ficcional, e, a partir de questionamentos, ampliar as competências e as habilidades de leitura e análise linguística, com ênfase nos recursos estilísticos.

O conto “Pontos de vista”, selecionado para estudo, da autora e tradutora brasileira Ruth Di Biasi, propõe uma reflexão acerca do futuro da humanidade em um tom crítico e ao mesmo tempo cômico. O conto denuncia o conformismo e a alienação dos personagens perante os acontecimentos da vida, que só ao final se descobrirá que se trata de extraterrestes. Tal estado de inércia atinge seu ápice no nascimento de um bebê humano, considerado “uma regressão genética”, pertencente a uma “raça já extinta há muito tempo”. Nesse sentido, seja o texto considerado realista ou não, é, acima dessa questão, um exemplar inquietante e divertido do gênero fantástico, o que já se constitui como uma das justificativas para a seleção do exemplar como objeto de estudo em sala de aula. No entanto, compreendemos que, para que se perceba a qualidade do enredo, faz-se necessária uma discussão mais profunda, possibilitada pelos direcionamentos de uma atividade específica para o estudo do texto.

Uma segunda justificativa para a seleção desse exemplar se refere à relevância que a indeterminação do sujeito recebe no conto. Tal processo torna-se decisivo no texto por dois motivos: 1. a quase absoluta ocorrência de sujeitos indeterminados, não constituídos por expressões nominais definidas, permite que se generalize as atitudes de conformismo e alienação, podendo ser atribuídas a um grupo infinito de pessoas; 2. o ponto de passagem das ocorrências de sujeito indeterminado para a de sujeito determinado no episódio do nascimento do bebê marca a reviravolta na narrativa, equivalendo ao clímax do conto.

A atividade, destinada ao ensino médio, filia-se a uma concepção sociodiscursiva de língua e considera o gênero textual como ponto de partida e unidade de análise, com foco na indeterminação do sujeito como recurso pragmático-discursivo. Estrutura-se em três etapas,

as quais detalharemos ao longo desta seção: *Pré-leitura e leitura*; *Atividades escritas de leitura e interpretação*; *Prática de análise de linguagem e reflexão linguística*. Para uma compreensão global da proposta de atividade, de suas etapas constitutivas, grupo de questões e aspectos contemplados em cada uma das etapas, vejamos o Quadro 1:

QUADRO 1 – DESCRIÇÃO GLOBAL DA PROPOSTA DE ATIVIDADE

Etapas	Questões	Aspectos contemplados
Pré-leitura e leitura	1, 2, 3 e 4	Conhecimentos prévios, inferências acerca dos aspectos do contexto de produção do gênero e da temática, relação entre modalidades de linguagem (verbal e não verbal) e entre partes constitutivas do texto.
Atividades escritas de leitura e interpretação	5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11	Compreensão, julgamento, reflexão e avaliação do leitor sobre o que foi lido; reconhecimento das principais informações do texto e da organização composicional para a caracterização do gênero, em especial, dos elementos da narrativa (p. ex. personagens, espaço).
Prática de análise da linguagem e reflexão linguística	12, 13, 14, 15 e 16	Identificação e reconhecimento dos recursos morfológicos e sintáticos no texto; reflexão a partir de elementos linguísticos e discursivos decisivos para a construção da narrativa de suspense.

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Köche e Marinello, 2015.

PRÉ-LEITURA E LEITURA²

As quatro primeiras questões correspondem às etapas de *Pré-leitura e leitura* e exploram conhecimentos prévios, inferências acerca dos aspectos do contexto de produção do gênero e da temática, relação

entre modalidades de linguagem (verbal e não verbal) e entre partes constitutivas do texto. Vejamos o Exemplo 1:

Exemplo 1:

2) Dialogando sobre o conteúdo do texto

a) A partir do título, sobre o que você acha que trata a narrativa?

b) Observe a ilustração. Que relação ela pode ter com o título e com o texto, na íntegra?

c) De que forma a ilustração e o título do conto se associam?

Nesta questão que antecede o momento de leitura do texto, o propósito é ativar cognitivamente os conhecimentos prévios e possibilitar inferências com base nos primeiros recursos textuais com os quais o aluno entra em contato. Entendemos a questão como uma abertura para o diálogo entre discente e texto, intermediado pelo professor. É a partir do questionamento próprio do aluno, sobre o que significa o elemento visual do berço que ilustra o conto e sua relação com o título “Ponto de vista”, que hipóteses de leitura devem ser levantadas para depois serem confirmadas ou não.

A uma compreensão de língua como meio de interação, usada livre e autonomamente pelos falantes para interpretar e (re)organizar o mundo que os cerca, associa-se uma compreensão do ato da leitura como uma ação que transcende a decodificação de imagens e palavras, permitindo que, nos textos, por menores que sejam, habitem discursos, sentimentos e vivências, compartilhados entre interlocutores através da leitura e da escrita.

Nessa etapa também pretendemos introduzir a discussão acerca do gênero textual que norteia nossa proposta. Como se trata de uma narrativa, acreditamos na possibilidade de os elementos textuais dialogarem também com outras narrativas vivenciadas pelo discente, visto que são textos que perpassam a história da humanidade, alimentando-se das intertextualidades e da renovação de aspectos estilísticos e discursivos. Portanto, procuramos nos distanciar da visão do gênero textual como mero pretexto para o estudo das normas gramaticais.

Após a ativação dos conhecimentos prévios e a produção das inferências, o aluno entra em contato efetivo com o texto na etapa das

Atividades escritas de leitura e interpretação, momento de construção coletiva de sentidos e, ao mesmo tempo, de vivência particular da leitura integral do conto pelo discente.

ATIVIDADES ESCRITAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO

As questões de 5 a 11, constitutivas dessa etapa, exigem compreensão, julgamento, reflexão e avaliação do leitor sobre o que foi lido; reconhecimento das principais informações do texto e da organização composicional para a caracterização do gênero, em especial, dos elementos da narrativa (p. ex. personagens, espaço). Observemos o Exemplo 2:

Exemplo 2:

- 5) Poderíamos dizer que é um conto engraçado? Por quê?
- 6) Quem é o protagonista da narrativa?
- 7) Como você o caracterizaria?
- 8) Qual é a concepção de felicidade dele e por que ele não gosta da ideia de contatar novas civilizações através das naves espaciais?
- 9) Em que lugar se passa a história?

As questões do Exemplo 2 têm por objetivo auxiliar o discente a dialogar com e sobre o texto narrativo, refletindo textualmente sobre impressões e aprofundando suas leituras. É válido ressaltar nessa etapa o intercâmbio de questões de leitura e interpretação com as dos elementos da narrativa, em especial, personagem, em 6), e espaço, em 9). O reconhecimento das informações e a interpretação do texto mantêm estreita relação com a organização composicional do gênero, a ponto de se constituírem questões de um mesmo bloco. Há, portanto, o reforço da compreensão de que todo texto se realiza como gênero textual e que, por essa razão, as questões de leitura e interpretação não podem estar dissociadas das questões de gênero.

Nessa etapa, as questões 6 e 7, em particular, direcionam o olhar sobre o personagem principal com o intuito de se verificar como o aluno construiu a imagem desse protagonista em seu consciente e se o compreende como principal sujeito das orações ao longo do texto. Tais direcionamentos se constituem como preparação para a etapa posterior

de *Prática de análise da linguagem e reflexão linguística*, quando exploramos mais detidamente o recurso sintático “indeterminação do sujeito”.

PRÁTICA DE ANÁLISE DA LINGUAGEM E REFLEXÃO LINGUÍSTICA

De modo geral, as questões 12 a 16, constitutivas dessa etapa, versam sobre os recursos morfossintáticos utilizados no texto e na reflexão acerca da indeterminação do sujeito como recurso discursivo decisivo para o processo de generalização e para a construção da narrativa de suspense. Vejamos o Exemplo 3:

Exemplo 3:

12) *Atente para a utilização dos verbos no texto.*

a) *Qual emprego de pessoa verbal é predominante no texto?*

13) *Releia o primeiro parágrafo:*

“Gostava da existência que levava. Trabalhava com afinco, divertia-se nos momentos apropriados, cumpria todos os preceitos religiosos. Era uma vida rotineira, sem fantasia e sem busca de verdades ocultas sob as aparências.”

a) *Quantas orações encontram-se nele?*

b) Segundo a norma-padrão da língua, qual o tipo de sujeito predominante nestas orações?

c) O emprego deste tipo de sujeito é recorrente ao longo da narrativa? Justifique com exemplos.

d) É possível determinar um ser específico no mundo que realiza as ações dos verbos destacados no trecho? Justifique.

A questão 12 busca direcionar a atenção do aluno para os fatores linguísticos que promovem a indeterminação do sujeito na narrativa. A análise empreendida pelo aluno a partir da questão 12 permitirá identificar a predominância da 3ª pessoa no singular sem preenchimento do lugar sintático de sujeito, o que tipicamente, pela gramática tradicional, levaria à constituição do sujeito oculto. Essa questão seria, portanto, introdutória e complementar à discussão empreendida pela

questão 13, a partir de uma reflexão mais detida acerca da linha tênue entre sujeito oculto e indeterminado, quando considerados em contextos mais amplos e retirados do escopo de um estudo gramatical de frases prontas e soltas.

A questão 13, por sua vez, tem como propósito ativar conhecimentos prévios acerca da sintaxe oracional. Trata-se de uma questão que parte da metalinguagem tradicional, devendo ser complementada nas questões posteriores através da concepção da norma-padrão como meio, não como fim. Nesse sentido, os sujeitos presentes nas orações seriam provavelmente identificados como ocultos (= ele), mas que, por apresentar a referência genérica já discutida por Neves (2011), Perini (2010) e Bagno (2011), corresponderiam a uma das ocorrências de indeterminação do sujeito. A expectativa é que o discente comece a perceber a indeterminação do sujeito como um instrumento significativo na apresentação do protagonista, de seu estilo de vida e de seus pensamentos, ao mesmo tempo em que dificulta sua identificação como ser não humano – estando em consonância ou não com a norma gramatical estabelecida.

Da metalinguagem própria da gramática tradicional, passaríamos, então, à epilinguagem, com reflexão em torno dos usos, das possíveis inconsistências na distinção entre sujeito oculto e indeterminado e da solução apresentada pelos funcionalistas para essa problemática.

Após a reflexão sobre a recorrência de sujeitos indeterminados na narrativa, a questão 14 promoveria uma discussão sobre outras formas de indeterminação:

Exemplo 4:

14) Releia o trecho a seguir e responda:

“– Você é a pessoa mais encantadora que jamais encontrei. Quanto a mim... bem... só você pode julgar.

Ela declarava, enternecida: Pois se eu nunca vi ninguém mais bonito!”

Nesta parte do texto, a autora suspende o emprego do sujeito oculto/ indeterminado e passa a preencher o lugar sintático de sujeito (‘você’, ‘ela’, ‘eu’) e a utilizar adjetivo (‘bonito’) para trazer mais detalhes sobre os personagens. Podemos afirmar que com o uso desses recursos linguísticos

*torna-se mais fácil ao leitor a identificação desses personagens no mundo?
Por quê?*

No trecho da questão 14, os pronomes “você”, “ela”, “eu” preenchem os lugares sintáticos de sujeito, no entanto, por se tratarem de itens lexicais dêiticos, com referência flutuante e dependente do contexto, a ausência de definição prévia dos referentes no conto impossibilita a identificação desses personagens no mundo. Como não há essa identificação, o uso do adjetivo “bonito” torna-se irrelevante nesse processo de constituição do referente. Há, portanto, uma expectativa de que o aluno perceba que o preenchimento do lugar sintático de sujeito não se constitui uma condição para a determinação desse sujeito no mundo. Se, na questão 13, a indeterminação se dava pelo não preenchimento desse lugar, agora, mesmo com esse lugar preenchido, a indeterminação não se desfaz. Seria oportuno, nesse momento, a continuidade da reflexão já iniciada na questão 13 acerca das limitações suscitadas pela proposta dos gramáticos tradicionais e, em contrapartida, das possíveis soluções apresentadas pelos funcionalistas.

Exemplo 5:

*15) Leia o conto na íntegra e observe a parte do clímax do conto:
“A criança tinha apenas dois olhos. Era desprovida de presas e tentáculos. Nem antenas possuía para avisá-la dos perigos. No lugar dos tentáculos, exibia uns prolongamentos estranhos, terminando em cinco coisas esquisitas. E a cauda? Ausente. E, horror dos horrores, no meio da face possuía uma protuberância horrenda, com dois orifícios em baixo.”*

a) De que forma o trecho acima causa uma reviravolta na narrativa?

b) Poderíamos dizer que o protagonista se torna determinado a partir da leitura deste trecho?

Com a suspensão da indeterminação do sujeito, a questão 15 busca refletir sobre como os sujeitos que estavam indeterminados são preenchidos apenas ao final do conto. O protagonista não é efetivamente determinado em nenhum momento na narrativa e só a partir da descrição do seu filho, como uma anomalia, é que preenchemos mentalmente

todos os sujeitos dos verbos anteriores. Curiosamente, o trecho que promove a reviravolta na narrativa é iniciado com sujeito simples (“A criança”), como se este, linguisticamente, representasse “o divisor de águas” na narrativa. E mesmo com o uso de uma expressão genérica (criança), que, de acordo com os gramáticos funcionalistas, comumente promove a indeterminação do sujeito, a construção do referente é construída ao longo de todo o parágrafo, garantindo a reviravolta na história. Há que se destacar ainda, nessa questão, a associação entre a mudança linguística e a estrutura da narrativa, em particular, o clímax, o que reitera o respeito ao texto e ao gênero textual como unidade de análise da língua.

Na questão 16, procedemos à sistematização do recurso da indeterminação:

Exemplo 6

16) Observe os trechos a seguir:

Trecho 1: “Gostava da existência que levava. Trabalhava com afinco, divertia-se nos momentos apropriados, cumpria todos os preceitos religiosos. Era uma vida rotineira, sem fantasia e sem busca de verdades ocultas sob as aparências.”

Trecho 2: “Viviam em um lugar confortável, respiravam ar puríssimo, não estavam sujeitos a qualquer tipo de ameaças, não conheciam a guerra de que os antigos falavam.”

Agora que você descobriu que os personagens são alienígenas, responda:

- a) Qual o sujeito dos verbos destacados no Trecho 1?*
- b) Qual o sujeito dos verbos destacados no Trecho 2?*
- c) Na sua opinião, qual a importância da indeterminação do sujeito até o final da narrativa?*
- d) Podemos afirmar que tal indeterminação também foi utilizada com o propósito de generalizar as atitudes de alienação e conformismo apresentados pelos personagens? Justifique.*

Uma vez realizada a leitura integral do conto, a questão 16 conduz ao preenchimento dos lugares de sujeitos nos trechos 1 e 2,

explorando tanto a compreensão global e de partes do texto como o próprio conhecimento sintático do aluno. De modo complementar à questão 15, a questão 16 reitera a importância pragmática-discursiva do recurso linguístico “indeterminação”. Esperamos que o corpo discente perceba que a indeterminação do sujeito contribuiu para a criação de um clima de suspense na narrativa para, só ao final, revelar esse sujeito e provocar surpresa no leitor. E embora a indeterminação tenha contribuído para as várias possibilidades de preenchimento do lugar sintático de sujeito, essas diferentes possibilidades são dissipadas ao final, quando se revela a identidade do sujeito. Há, portanto, a expectativa de que o aluno reflita sobre como se deu a condução do enredo até a surpresa tragicômica e como a indeterminação do sujeito foi decisiva tanto no processo de criação literária quanto no propósito discursivo de generalização das atitudes de conformismo e alienação na contemporaneidade.

Em síntese, consideramos que a atividade descrita nesta seção respeita o exemplar do gênero conto como unidade de sentido; explora a leitura em suas diversas e progressivas etapas (*Pré-leitura e leitura; Atividades escritas de leitura e interpretação; Prática de análise de linguagem e reflexão linguística*); aborda o recurso sintático da indeterminação do sujeito na interface com os aspectos semânticos e pragmático-discursivos. Para citar um trecho do próprio conto em foco, esperamos que o aluno perceba como o estudo da gramática restrito a mera descrição e classificação dos elementos linguísticos promove “uma vida rotineira, sem fantasia e sem busca de verdades ocultas por sob as aparências” (BIASI, 1991, p.120).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de construir uma proposta de atividade sociodiscursiva a partir do gênero conto tomando os recursos estilísticos e, em específico, a indeterminação do sujeito como objeto de estudo revela-se árdua não pela complexidade dos recursos sintáticos, mas pela força da tradição nos estudos gramaticais e pela quase exclusividade dos conteúdos morfológicos nos materiais didáticos e nas salas de aula.

Antes de tudo, havia o desejo de fugir da “leitura como decodificação”; do “texto como pretexto para estudar gramática”; da

“teoria da visitação” e da “caricaturização” do gênero; da mera descrição, conceituação e categorização do recurso gramatical selecionado para estudo. Com a implementação da nossa proposta de atividade, a expectativa é que não apenas se adquiram/aperfeiçoem as competências e habilidades de leitura, que se (re)conheça o gênero conto, mas também que se discutam as falhas, equívocos e limitações da descrição de língua empreendida pela gramática tradicional, na medida em que apresentamos ao aluno a contraproposta da vertente funcionalista.

Acreditamos que a proposta possibilita ampliar o conhecimento do gênero conto, as competências e habilidades de leitura e análise linguística, bem como (re)conhecer as funções textuais da indeterminação do sujeito. E, na medida em que consegue articular os aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que envolvem o processo de indeterminação do sujeito, que possa servir como um modo de fazer, uma alternativa à quase exclusiva metalinguagem das gramáticas tradicionais e dos livros didáticos, refletida nas salas de aula. Mais amplamente, esperamos que este trabalho possa suscitar uma discussão nos cursos de formação inicial e continuada em licenciatura em Letras acerca do complexo processo de didatização dos objetos da sintaxe, tão escassos nos materiais didáticos e nas salas de aula, quando comparados com o espaço que se tem dedicado aos estudos morfológicos.

THE INDETERMINATION OF THE SUBJECT AS A TEACHING OBJECT:
PROPOSAL OF ACTIVITY FROM A BRAZILIAN SCIENCE FICTION CONTATION

ABSTRACT

From an understanding of language with interaction and textual genre as a teaching tool, the present work aims to describe a proposal of reading activity and linguistic analysis from an example of the genre tale and its stylistic resources. For this, we retrieve the theoretical contributions of Possenti (1996), Cunha and Cintra (2008), Neves (2011), Perini (2010), Bagno (2011), Givón (1979, 1984) and Martellotta (1996, 2011). The proposal described makes it possible to increase the knowledge of the genre, the skills and abilities of reading and linguistic analysis, as well as to recognize the textual functions of the indetermination of the subject.

KEYWORDS: teaching, proposed activity, tale, stylistic features, indetermination of the subject.

LA INDETERMINACIÓN DEL SUJETO COMO OBJETO DE ENSEÑANZA:
PROPUESTA DE ACTIVIDAD A PARTIR DE UN CUENTO BRASILEÑO DE
FICCIÓN CIENTÍFICA

RESUMEN

A partir de una comprensión de lengua con interacción y de género textual como instrumento de enseñanza, este trabajo tiene el objetivo de describir una propuesta de actividad de lectura y análisis lingüístico a partir de un ejemplar del género cuento y sus recursos estilísticos. Con ese objetivo, recuperamos las contribuciones de Possenti (1996), Cunha y Cintra (2008), Neves (2011), Perini (2010), Bagno (2011), Givón (1979,1984) y Martellotta (1996, 2011). La propuesta descrita permite ampliar el conocimiento del género, las competencias y habilidades de lectura y análisis lingüístico, así como (re) conocer las funciones textuales de la indeterminación del sujeto.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza. Propuesta de actividad. Cuento. Recursos estilísticos. Indeterminación del sujeto.

NOTAS

1. A atividade na íntegra encontra-se em Apêndice, ao final deste trabalho.
2. Antes de iniciarmos a descrição propriamente dita dessa etapa, há que se registrar que é fundamental e decisivo para o bom desempenho da atividade que a leitura integral do conto só aconteça a partir da questão 15.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BIASI, Ruth de. Pontos de vista. *Isaac Asimov Magazine 17*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.
- CUNHA, Celso Ferreira da.; CINTRA, Luiz Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

KÖCHE, Vanilda. Salton; MARINELLO, Adiane. Fogali. *Gêneros textuais: práticas de leitura, escrita e análise linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Syntax*. A functional-typological introduction. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. v. I.

MARTELOTTA, Mario Eduardo et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed.UNESP, 2011.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

APÊNDICE

I. Pré-leitura

- 1) Dialogando sobre o gênero textual
 - a) Para você, o que são contos?
 - b) Você já ouviu falar sobre ficção científica? Onde?
 - c) Você lembra de já ter lido algum livro ou assistido a algum filme de ficção científica?
- 2) Dialogando sobre o conteúdo do texto
 - a) A partir do título, sobre o que você acha que trata a narrativa?
 - b) Observe a ilustração. Que relação ela pode ter com o título e com o texto, na íntegra?
 - c) De que forma a ilustração e o título do conto se associam?

II. Leitura

- 3) Leitura silenciosa do conto até a linha 46.
- 4) Leitura em voz alta da narrativa pela voz do professor ou de um aluno, até a linha 46.



Fonte: BIASI, D. R. *Pontos de Vista*. In: Isaac Asimov Magazine 17. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

Gostava da existência que levava. Trabalhava com afinco, divertia-se nos momentos apropriados, cumpria todos os preceitos religiosos. Era uma vida rotineira, sem fantasia e sem busca de verdades ocultas sob as aparências.

Orgulhava-se disso.

– Não tenho imaginação – dizia.

Fazia suas compras, ia aos supermercados, frequentava os bancos locais, coisas assim.

– Ouvi dizer que nossas naves espaciais estão se preparando para explorar outros sistemas – comentava, com um sorriso de incredulidade.

– Por que vasculhar o espaço, tentar descobrir novas civilizações, se a nossa ainda não foi suficientemente explorada?

Seus interlocutores o contradiziam, falavam em progresso, em futuro, debatiam ciência e tecnologia. Em vão. Não se deixaria “contaminar”. Contaminar, sim. Era sua opinião sobre o desconhecido.

Sempre fora pragmático. Deparar-se com seres disformes, monstruosos, ele que sempre fora um esteta, um fanático pela beleza?

– Nem pensar – afirmava, convicto – Definitivamente, não.

Quanto a estudos científicos, embora se julgasse inteligente e excelente aluno – a prova é que se graduara com notas altíssimas – tinha verdadeira ojeriza. Era um pouco preguiçoso, confessava.

– Abstrações, teorias, equações, deduções nunca foram o meu forte. Gosto do que vejo, do que posso tocar, do visível, do familiar. A ideia do infinito me apavora.

Interrompia o discurso dos amigos. Que não tentassem convencê-lo. Talvez tivesse medo. Talvez temesse perder aquela felicidade simplória se um passo “errado” o distanciasse do limitado espaço que ocupava no mundo, no “seu” mundo.

– Nem mesmo pretendo saber como atingimos este nosso estágio... Basta saber que vivemos, onde vivemos e como vivemos – concluía.

Principalmente agora, que ia ser pai.

Sonhava com o filho, seu continuador, um elo a mais na sobrevivência da sua maravilhosa espécie.

– Vai ser lindo – sorria para a esposa – Você é a pessoa mais encantadora que jamais encontrei. Quanto a mim...bem...só você pode julgar.

Ela declarava, enternecida:

– Pois se nunca vi ninguém mais bonito!

Viviam em um lugar confortável, respiravam ar puríssimo, não estavam sujeitos a qualquer tipo de ameaças, não conheciam a guerra de que os antigos falavam. Os amigos eram leais, a comida farta e variada. Em suma, tinham atingido um nível de vida nunca antes concebido.

Claro, tinha havido convulsões, hecatombes, mutações, mas era melhor nem pensar naquilo. O passado se fora, o presente era divino, o futuro, promissor.

O tempo ia passando em clima de espera – espera auspiciosa do evento mais importante da vida do casal.

Chegou, finalmente, o dia abençoado.

Tudo havia sido providenciado com o maior cuidado. Os hospitais eram excelentes, os médicos bem dotados em suas especialidades.

Mesmo assim, tivera a precaução de selecionar o melhor entre os melhores.

Beijou a esposa, comovido. Não assistiria ao parto. Temia não suportar a emoção.

Uma enfermeira chamou. Tudo terminado. Podia ir ver o bebê.

Debruçou-se sobre o berço e deu um grito de horror.

A criança tinha apenas dois olhos. Era desprovida de presas e tentáculos. Nem antenas possuía para avisá-la dos perigos. No lugar dos tentáculos, exibia uns prolongamentos estranhos, terminando em cinco coisas esquisitas. E a cauda? Ausente. E, horror dos horrores, no meio da face possuía uma protuberância horrenda, com dois orifícios em baixo.

Grossas lágrimas vermelhas escorreram de seus múltiplos olhos e rolaram pelo transparente. Podia-se ver nitidamente as tempestades que se formavam em seus neurônios, como raios coloridos ziguezagueando por dentro do crânio translúcido.

O médico aproximou-se, solícito.

– Um caso raríssimo, meu amigo. Houve uma regressão genética. Seu bebê tem as características de uma raça extinta há muito tempo, que viveu neste planeta. Ele é HUMANO. Sinto muito. Precisamos contar à sua esposa.

III. Atividades escritas de leitura e interpretação

- 5) Poderíamos dizer que é um conto engraçado? Por quê?
- 6) Quem é o protagonista da narrativa?
- 7) Como você o caracterizaria?
- 8) Qual é a concepção de felicidade dele e por que ele não gosta da ideia de contatar novas civilizações através das naves espaciais?
- 9) Em que lugar se passa a história?
- 10) O medo do desconhecido infinito e da vastidão universal é fator para a complicação que atinge a plena felicidade do protagonista. Que complicação é esta?
- 11) A partir das informações presentes no texto, de que forma você acredita que a raça humana foi extinta?

IV. Práticas de análise da linguagem e reflexão linguística

- 12) Atente para a utilização dos verbos no texto.

a) Qual emprego de pessoa verbal é predominante no texto?

13) Releia o primeiro parágrafo:

“Gostava da existência que levava. Trabalhava com afinho, divertia-se nos momentos apropriados, cumpria todos os preceitos religiosos. Era uma vida rotineira, sem fantasia e sem busca de verdades ocultas sob as aparências.”

a) Quantas orações encontram-se nele?

b) Segundo a norma-padrão da língua, qual o tipo de sujeito predominante nestas orações?

c) O emprego deste tipo de sujeito é recorrente ao longo da narrativa? Justifique com exemplos.

d) É possível determinar um ser específico no mundo que realiza as ações dos verbos destacados no trecho? Justifique.

14) Releia o trecho a seguir e responda:

“– Você é a pessoa mais encantadora que jamais encontrei. Quanto a mim... bem... só você pode julgar.

Ela declarava, enternecida: Pois se eu nunca vi ninguém mais bonito!”

Nesta parte do texto, a autora suspende o emprego do sujeito oculto/indeterminado e passa a preencher o lugar sintático de sujeito (‘você’, ‘ela’, ‘eu’) e a utilizar adjetivo (‘bonito’) para trazer mais detalhes sobre os personagens. Podemos afirmar que com o uso desses recursos linguísticos torna-se mais fácil ao leitor a identificação desses personagens no mundo? Por quê?

15) Leia o conto na íntegra e observe a parte do clímax do conto:

“A criança tinha apenas dois olhos. Era desprovida de presas e tentáculos. Nem antenas possuía para avisá-la dos perigos. No lugar dos tentáculos, exibia uns prolongamentos estranhos, terminando em cinco coisas esquisitas. E a cauda? Ausente. E, horror dos horrores, no meio da face possuía uma protuberância horrenda, com dois orifícios em baixo.”

a) De que forma o trecho acima causa uma reviravolta na narrativa?

b) Poderíamos dizer que o protagonista se torna determinado a partir da leitura deste trecho?

16) Observe os trechos a seguir:

Trecho 1: “Gostava da existência que levava. Trabalhava com afincos, divertia-se nos momentos apropriados, cumpria todos os preceitos religiosos. Era uma vida rotineira, sem fantasia e sem busca de verdades ocultas sob as aparências.”

Trecho 2: “Viviam em um lugar confortável, respiravam ar puríssimo, não estavam sujeitos a qualquer tipo de ameaças, não conheciam a guerra de que os antigos falavam.”.

Agora que você descobriu que os personagens são alienígenas, responda:

Qual o sujeito dos verbos destacados no Trecho 1?

Qual o sujeito dos verbos destacados no Trecho 2?

Na sua opinião, qual a importância da indeterminação do sujeito até o final da narrativa?

Podemos afirmar que tal indeterminação também foi utilizada com o propósito de generalizar as atitudes de alienação e conformismo apresentados pelos personagens? Justifique.

Submetido em 19 de abril de 2018

Aceito em 22 de junho de 2018

Publicado 30 de novembro de 2018
